

# Sabotagem: O futebol de Torquato Neto em *Vida, Paixão e Banana Do Tropicalismo*

## *Sabotage: Torquato Neto's football in Vida, Paixão e Banana Do Tropicalismo*

■ HELCIO HERBERT NETO<sup>a</sup>

Universidade Federal Fluminense, Departamento de Estudos Culturais e Mídia. Niterói – RJ, Brasil

### RESUMO

Torquato Neto é mais conhecido como poeta e letrista, embora suas atividades tenham se expandido para a cobertura esportiva, especificamente no *Jornal dos Sports*. Entretanto, a aproximação do autor com o futebol é pouco mencionada. O propósito deste artigo é explorar essa relação por meio do roteiro de *Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo*, projeto para um programa na TV Globo que nunca foi ao ar. A partir desse registro em texto, é possível examinar as estratégias audiovisuais engendradas pelo roteirista e diretor para essa peça de radiodifusão. Além disso, esse exame apresenta outro horizonte para as pesquisas a respeito do escritor.

**Palavras-chave:** Torquato Neto, *Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo*, cobertura esportiva, radiodifusão, futebol

### ABSTRACT

Torquato Neto is known as poet and lyricist, despite his activity on sports coverage, specifically in *Jornal dos Sports*. However, the author's approach to football is rarely mentioned. This study aims to explore the connection between football and the script of *Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo*, a project for a program on TV Globo that was never aired. This study examined the audiovisual strategies engendered by the screenwriter and director for the broadcasting piece, showing another landscape for research about the writer.

**Keywords:** Torquato Neto, *Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo*, sports coverage, broadcast, football

<sup>a</sup> Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), é formado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Jornalismo (UFRJ). Atualmente, desenvolve pesquisas sobre cultura popular no âmbito do pós-doutorado. Este estudo foi financiado pelo CNPq e pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), Processo SEI -260003/005791/2022. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4168-0749>. E-mail: [helcio.neto00@gmail.com](mailto:helcio.neto00@gmail.com)

*O Brasil é um continente maravilhoso, com o amarelo do ouro, o verde das florestas, o azul do céu, a força do mar, o paladar do feijão, a nutrição do arroz, a beleza das tradições. Rui Barbosa foi o Águia de Haia que respondeu em todas as línguas aos analfabetos da Europa. O nosso futebol é o melhor do mundo. Só perdemos a última copa por sabotagem*  
Torquato Neto, Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo

**D**ESPERTA INTERESSE O fato de Torquato Neto, reconhecido colaborador do *Jornal dos Sports* nos anos 1960, não ter motivado aprofundados estudos a respeito de sua relação com o futebol. No entanto, quando seus textos vieram a público, a publicação esportiva experimentava uma guinada editorial sem precedentes. Compositor profícuo da canção popular, o autor se manifestou por meio de diferentes expressões artísticas que lhe eram contemporâneas, muitas das quais merecem mais atenção de pesquisadores. Justificam essa lacuna o caráter fragmentário de seu legado e sua morte precoce em 1972. Outro fator que explica a omissão é a natureza das colunas de sua autoria que, a despeito de constarem em edições impressas de um veículo especializado, não se debruçavam sobre resultados de jogos ou desempenhos de atletas.

Perante a sinuosa aproximação de Torquato Neto com o futebol, este artigo se atém ao roteiro de *Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo* com o objetivo de encarar como foi construída essa relação. O texto tinha como propósito organizar a produção de um programa sobre o movimento musical, a ser exibido na TV Globo, e veio à tona somente em volumes póstumos (Neto, 1982, 2004a): devido a dificuldades administrativas e políticas, os telespectadores não tiveram acesso ao espetáculo televisionado planejado pelo autor (Vaz, 2014). Não houve transmissão, mas a maneira como suas duas foram roteirizadas partes inspira uma pesquisa relativa aos pontos de contato do esporte com a radiodifusão e o audiovisual.

Anteriormente, no campo do audiovisual, já foram dedicados esforços a distintas nuances, a exemplo da correlação estabelecida entre estratégias para montagem de longas-metragens de ficção, monólogos de personagens e a intensidade vivenciada no universo esportivo (Herbert Neto, 2021a). A preocupação com o processo até a consolidação da radiodifusão brasileira, a função exercida pela cobertura esportiva e os atravessamentos políticos decorrentes das dinâmicas históricas em torno do rádio e da televisão motivaram trabalhos com motes diferentes (Herbert Neto, 2022b; 2024). Em nenhum dos casos algum roteiro esteve disponível para consulta. O artifício, indispensável para a elaboração

dos programas, dificilmente extrapola os limites da própria produção, o que não facilita o trabalho dos pesquisadores. A fonte histórica exige, então, outra abordagem.

Como nos outros estudos foi examinado o que chegou aos espectadores, um olhar sobre *Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo* deve se concentrar nos procedimentos contidos no roteiro. O foco se desloca para as motivações e ênfases explícitas no roteiro. Esses indícios servem como princípio para sua caracterização. José Carlos Capinam ajudou na redação, embora Torquato Neto, além de roteirista, seja também creditado como diretor. Eram planejados números musicais centrados nos artistas que compunham o movimento, registrado no nome da atração; a participação de convidados da música, do audiovisual e da literatura; e o proselitismo das teses tropicalistas<sup>1</sup>.

A análise contribui para, de certa forma, redimensionar a Tropicália, apesar de esse exercício não constar entre as principais ações deste trabalho. Realça, sobretudo, os contornos da poética torquatiana: compreender essas indicações é fundamental, uma vez que são abundantes os relatos memorialísticos acerca desse momento cultural e que os artistas que participaram de seus instantes decisivos se propuseram a descrevê-los (Gil & Zappa, 2013; Veloso, 1997). Jornalistas igualmente buscaram dar coerência aos atribulados acontecimentos da música, que tiveram implicações para as artes (Calado, 1997; Vaz, 2014). Na academia, uma quantidade considerável de pesquisadores se lançou na complexidade do autor – sejam os mediados pela sua linguagem, sejam aqueles atentos a reverberações sociais, políticas e culturais de sua obra.

Nesse sentido, podem ser divididos em abrangentes dois campos: de um lado, os de viés histórico, representados por Coelho (2002) e Branco (2015); e os que são de inclinação marcadamente literária de outro, como exemplificam Ribeiro (2010), Bosi (2014) e Damasceno (2019). Isso não provoca isolamento ou inviabiliza interseções – posicionamento aparentemente procurado por Pires (2004). As referências que escapam da bibliografia se detêm ao acompanhamento que empresas de comunicação do país conferem ao esporte por um motivo basilar, as imperfeitas de conexões com o esporte. O documento consultado para suprir esse vão foi concebido na expectativa, nunca concretizada, de colocar no ar simultaneamente uma introdução à Tropicália e a intensificação do movimento: na primeira página do roteiro, estão anotados os anos 1967 e 1968, justamente o momento em que essa plataforma artística foi lançada (Neto, 2004b, p. 65).

A previsão era que a transmissão ocorresse no intervalo entre o fim de um ano e o começo de outro. Conseguir enxergar com a visão da História e mirar, ao mesmo tempo, a poética de Torquato Neto é a tarefa da qual este artigo se imbuí. O propósito é lidar com esses aspectos, na avaliação do trabalho do

<sup>1</sup> Tantos as estratégias filmicas quanto os discursos previstos pelo roteiro serão abordados na última seção do artigo.

autor, sob a concepção de cultura popular na perspectiva de Bakhtin (2010). É a partir do horizonte bakhtiniano que o roteiro será examinado, com foco na circulação no interior das tendências populares. Até porque parece não haver exceção no conjunto das diversas expressões às quais o autor recorreu: era nítida a proposta de estabelecer uma abordagem acessível para o povo<sup>2</sup>. É nesse ponto que serão identificadas algumas das principais tensões ao redor do compositor, jornalista, cineasta e poeta piauiense. Antes de explorar esse particular trato com a linguagem, é necessário situar a inserção do autor na cobertura esportiva, por meio do *Jornal dos Sports*.

<sup>2</sup>O sentido da palavra *povo* nesse contexto é ambivalente, mas incontornável para a compreensão do engajamento de artistas nos anos 1960. Ridenti (2014) examina com rigor esse problema no contexto brasileiro.

### **'OPACIDADE RELATIVA': A COBERTURA ESPORTIVA NO FIM DA DÉCADA DE 1960**

Os relatos não imprimem cores mais vivas ao futebol na biografia de Torquato Neto (Vaz, 2014): existem passagens conflitantes, que ora o distanciam da infância e da adolescência com a bola no pé (p. 56), ora descrevem o êxtase com a segunda conquista consecutiva da seleção brasileira na principal competição da modalidade, durante a Copa do Mundo do Chile de 1962 (p. 83). A controversa familiaridade não seria o alibi para a entrada de Torquato Neto no *Jornal dos Sports*, tradicional publicação carioca. Holanda (2010, 2012) ajuda a montar o mosaico da cobertura que o veículo levava a cabo na metade final da década de 1960, intervalo em que é registrada a entrada do letrista.

O escritor piauiense passou a colaborar com a publicação bem depois de o executivo e jornalista Mário Rodrigues Filho adquiri-la: anteriormente, o colunista havia trabalhado para *O Globo* e cultivado bom trânsito com Roberto Marinho (Holanda, 2012, p. 88). O relacionamento sólido tornou possível que o empresário financiasse a transação, antes sob a gestão do grupo de Argemiro Bulcão, para o comando do colunista e escritor. Herdeiro de outro homem de negócios da imprensa, Mário Rodrigues, e irmão do dramaturgo Nelson Rodrigues, Mário Filho desenvolveu intensa circulação em reuniões culturais (Machado, 2014, p. 89), nos mais influentes grupos políticos (Holanda, 2012, p. 91) e nas cúpulas diretivas dos clubes (Coutinho, 2019, p. 22). O jornal se demonstrava permeável aos intelectuais.

Além da desenvoltura para circuitos intelectuais, Mário Filho e seu jornal ajudaram consolidar novos protocolos, a partir dos anos 1930, com atletas “transformados em ídolos da cultura de massa emergente, e passíveis, portanto, de compor relatos nos moldes de uma ‘história da vida privada’. A vida dos jogadores passava a interessar” (Holanda, 2012, p. 87). Mais importante: sua atuação não se restringia a descrições dos acontecimentos nos esportes, mas se

espraiava por setores do carnaval, da educação e voltados para as juventudes com a dupla função de noticiar e promover os eventos – conforme documentam trabalhos de diferentes inclinações (Alvito, 2013; Castro, 1992; Lira Neto, 2017).

Coelho (2002) situa que Torquato Neto assinou a coluna Música Popular de março a outubro de 1967 (p. 134). Logo, trata-se de um instante posterior a 1966, quando Mário Filho sofreu um infarto e morreu. Hollanda (2012) segmenta a trajetória do *Jornal dos Sports* em diferentes eras e identifica na ausência do reconhecido gestor uma ruptura definitiva. O controle da empresa foi transmitido à viúva Célia, que logo cometeu suicídio, em mais um dos dramáticos episódios familiares (Castro, 1992). Na metade final da mesma década, é possível identificar na publicação uma inflexão, paralela ao comportamento daqueles que acompanhavam os esportes, mais atenta às pautas dos jovens (Hollanda, 2010).

A exemplo de diversas esferas da cena pública, o futebol seria influenciado pelas transformações dos anos 1960. Para tratar da emergência das torcidas jovens nos anos 1960, Hollanda (2010, p. 196) sintoniza essa torsão com o comportamento perante o esporte: “A oposição às diretrizes clubísticas ganhava agora o âmbito público das ruas, sob a forma de semi-improvisadas passeatas, que se inspiravam nas agitações protagonizadas por estudantes no centro da cidade”. A vinculação aos anseios da juventude redirecionou o *Jornal dos Sports* e viabilizou a presença ostensiva de assuntos mais pungentes e, à primeira vista, distantes das práticas esportivas: artes plásticas, cinema e música popular ganharam espaço a ponto de culminarem na chegada às bancas do projeto editorial *O Sol*, inteiramente cultural (Hollanda, 2010, p. 169). Mais aberto a experimentações, o suplemento atingiu autonomia, com vendas avulsas.

O engajamento de Torquato Neto na rotina da empresa está circunscrito justamente no período em que a cobertura esportiva era menos refratária. Essa relativa opacidade se conecta a tradições esportivas, muito conectadas à política. Relatos memorialísticos dão conta de um precoce interesse do autor pela cultura popular, algo que acena para uma paisagem habitual na cobertura esportiva em veículos de comunicação no século XX: o horizonte das proposições de Gilberto Freyre (Vaz, 2014, p. 75). A grandiloquência, amparada pelo elogio da miscigenação, seria um elemento fundamental para a compreensão do futebol brasileiro e, principalmente, para a retórica no jornalismo impresso e na radiodifusão (Herbert Neto, 2023b).

Freyre foi reconhecidamente um leitor do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, na medida que a estética elaborada em torno do futebol pátrio pelo escritor brasileiro foi sustentada por concepções da juventude do autor europeu (Herbert Neto, 2021b; Hollingdale, 2015). É surpreendente que as aproximações da obra torquatiana com a nietzscheana não tenham sido enfatizadas. A menção

<sup>3</sup>No jornal *Última Hora*, Torquato Neto assinou no começo dos anos 1970 a coluna Geleia Geral. Em uma das edições impressas, o autor expressou a proposta de destruir a linguagem e explodir com ela.

de Pires (2004, p. 20) é uma exceção. São autores de legados fragmentárias, que resultam em disputas por espólios, tanto Torquato quanto Nietzsche (Brito, 2019). A proposta de deflagrar a linguagem é uma constante em ambos: no caráter explosivo do autor de Teresina<sup>3</sup> (Neto, 1982, p. 63) e na autoimagem de dinamite do escritor nascido em Weimar (Nietzsche, 1995, p. 109). A vivência da loucura em sanatórios dos dois, respectivamente, no Brasil (Vaz, 2014) e na Alemanha (Brito, 2019) autorizaria os paralelos.

O moralismo foi uma tônica na atuação política de facções às quais Freyre se filiou, com visão social dualista e propensão ao maniqueísmo (Herbert Neto, 2024, p. 142). Esses grupos exerceram forte influência na cobertura esportiva e seus desdobramentos políticos foram sensíveis. Para antagonizar, em mais uma semelhança com Nietzsche, o pensamento de Torquato Neto não comporta essa divisão estreita da realidade (Pires, 2004, p. 20). O roteiro elaborado para a televisão fratura perspectivas dicotômicas sobre música, artes plásticas e política. Zeloso e subversivo quanto às tradições, institui, dessa forma, uma tensão no texto. É encontrado em mais manifestações populares com inclinação romântica tensionamento semelhante (Herbert Neto, 2024).

<sup>4</sup>O primeiro livro publicado pelo autor é marcadamente influenciado por Wagner e pelo germanismo romântico (Nietzsche, 2012).

A fase nietzscheana<sup>4</sup> que motiva Freyre tem fortes inspirações do Romantismo (Herbert Neto, 2021b). A título de comparação, a proposta iconoclasta da edição única da *Navilouca*<sup>5</sup> dos anos 1970, fruto da reunião de muitos dos principais artistas brasileiros, corresponderia à *Athenaeum* da virada para o século XIX na Alemanha, que publicou experimentações de consequências determinantes para a filosofia europeia (Lemos, 2022, p. 14). Os problemáticos vínculos de artistas, intelectuais e militantes de meados do século XX com a postura romântica foram explorados por Ridenti (2010, 2014), mas não é possível encarar todas essas remissões a estrangeiros sem cogitar os riscos de incorrer em eurocentrismo.

<sup>5</sup>O volume único do almanaque (1974) foi editado por Torquato Neto e Wally Salomão, na época com o sobrenome Sailormoon, e publicado somente após a morte do piauiense.

Com essa composição de referências, fica menos inusitada a presença de Freyre em *Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo*. O roteiro antecipa o interesse em visitar o autor no Recife para filmar uma breve entrevista, em externa, a partir da seguinte pergunta: “Professor Gilberto Freyre, sociólogo da Casa Grande e Senzala, ilustre pensador da Casa de Apicucos<sup>6</sup>, a sua ciência tropicalista está sendo deturpada por esses jovens compositores, teatrólogos e cineastas?” (Neto, 2004b, p. 70). Para ter noção de sua relevância no texto, basta observar o elenco iniciado, obviamente, pelos nomes de Caetano Veloso e Gilberto Gil: “Renato Borghi, Othon Bastos, Ety Fraser, Ítala Nandi, Emília Borba, Vicente Celestino, Linda Batista, Jorge Ben, Aracy de Almeida, Nara Leão, Nana Caymmi” (p. 65). As personalidades são os notadamente tropicalistas, somados a suas principais inspirações – “Gal Costa, Marlene, Maria Bethânia, José Celso, Glauber Rocha,

<sup>6</sup>O roteiro tem uma série de desvios na grafia. O bairro pelo qual Gilberto Freyre ficou conhecido era Apipucos, no Recife.

Flávio de Carvalho, Gilberto Freire<sup>7</sup>, Chacrinha, Nelson Motta, Luiz Jatobá, Grande Otelo, Os Mutantes, Luiz Gonzaga” (p. 65).

A lista original se distingue da relação seguinte, com os convidados. Constan nomes de famosos, a exemplo de Ibrahim Sued, Jacinto de Thormes, Carlinhos de Oliveira, Pedro das Flores e Nelson Rodrigues (Neto, 2004b, p. 65). Vale destacar a presença do irmão do histórico proprietário do *Jornal dos Sports*. São listados ainda instituições, coletivos, agremiações ligadas ao carnaval e figuras genéricas, como Academia Brasileira de Letras, misses com faixas, o bloco carnavalesco Banda de Ipanema acompanhado pelo cartunista Jaguar, a escola de samba vencedora do carnaval, colégios de aplicação, conservatórios, banda do Colégio Pedro II, torcidas uniformizadas, deputados e senadores, índios e protetores de índios, travestis<sup>8</sup>, fã-clubes de Marlene e Emilinha, as dez mais elegantes, menino das garrafas, turistas americanos, Corpos de Paz e circo.

Norma Bengell e Grande Otelo, outros artistas mencionados no roteiro, não aparecem em nenhuma das relações (Neto, 2004b, p. 65). O volume de participantes, entre protagonistas e convidados, não é um signo isolado da profusão do espetáculo. O roteiro sugere sequências de colagens, que mesclariam filmagens externas, a exemplo da entrevista com Freyre; apresentações musicais; narrações em *off* e discursos inflamados no cenário; cortejos e hasteamento de bandeiras com palavras de ordem ou lemas da ditadura em curso; e até explosões e a destruição do teatro em que *Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo* transcorreria. Está registrada a intenção de estabelecer um “clima de reportagem” (Neto, 2004b, p. 66). Apesar da latente pretensão de se assemelhar às atrações populares de auditório – a exemplo do programa do Chacrinha, citado com destaque no elenco –, é difícil associar o que foi roteirizado a algum gênero televisivo particularmente, mesmo que a partir de abordagens menos estáticas (Herbert Neto, 2020; Mittel, 2004). As particularidades anárquicas e o constante recurso à ironia são outros dificultadores.

A interface com o futebol se manifesta sutilmente na primeira página, que expõe elenco e convidados. A menção a torcidas uniformizadas pode estar relacionada diretamente ao contexto de mudança no comportamento daqueles que acompanhavam seus times em estádios no período. Surge, na segunda metade dos anos 1960, a distinção dos torcedores que se organizavam em novos agrupamentos, independentes, na comparação com aqueles que se concentravam em torno de pequenos conjuntos com instrumentos de sopro e percussão (Hollanda, 2010, p. 214). A eclosão das chamadas torcidas jovens pode ser encarada como mais um sinal da transição geracional pela qual o Brasil passava e que tinha na Tropicália um símbolo no cenário da música popular.

<sup>7</sup> Em outras passagens, a nome do escritor também aparece dessa maneira, em nítido desvio do original.

<sup>8</sup> Não há mais informações, portanto é impossível dizer se seriam mulheres ou homens trans.

O texto propõe que as torcidas organizadas apareçam já no primeiro *take* depois da exibição de uma filmagem no mapa do hemisfério sul (Neto, 2004b, p. 66). O impasse do limite entre tradição e modernidade percorre *Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo* até a última página. Culmina em citação entre aspas: “Cada geração deve, numa opacidade relativa, descobrir sua missão. E cumpri-la ou traí-la” (p. 85). É uma referência ao pensamento de Fanon (1961, p. 214) com a transcrição quase idêntica de uma passagem do autor, que retoma a fuga do pensamento da Europa ou dos Estados Unidos, mas carrega outro traço da discussão geracional: o psiquiatra martinicano havia morrido precocemente, poucos anos antes da redação do roteiro.

#### ‘CUMPRI-LA OU TRÁ-LA’: TORQUATO NETO E A LINGUAGEM

Napolitano (2005, 2010, 2014) sublinha os dilemas com os quais os jovens artistas brasileiros nesse breve intervalo conviveram e reitera a necessidade de destrinchar as implicações sociais, políticas e culturais decorrentes de suas ações por meio de registros que nem sempre são considerados legítimas fontes históricas. Ainda diante da questão geracional, Coelho (2002) pontua as armadilhas às quais os pesquisadores que se interessam por esse momento estão sujeitos, notadamente quando o estudo se destina a personagens ainda obscuros. O exemplo de Torquato Neto é simbólico. Com as consultas aos mesmos documentos, norteadas por motivações semelhantes, os resultados não costumam conferir a necessária ênfase às nuances desse recorte temporal, alerta Coelho. No fim, as generalizações se tornam constantes, na iminência de determinismos.

A lida do autor do Piauí com a linguagem é inteiramente conectada ao contexto repressivo, mas singular. Essa ambiguidade é constituinte do roteiro. Em contrapartida, a poética torquatiana manifesta esses traços por meio do futebol de diferentes formas. Seria possível mencionar os escritos, tornados públicos após sua morte, em que são enfileirados ídolos e mártires: depois de citar Ernesto Che Guevara, Jimi Hendrix e Décio Pignatari, surge Baker Futebol e Regatas, clube imaginário que homenageia Chet Baker com a formulação de uma entidade esportiva (Neto, 2004c, p. 300). É apenas uma dessas expressões, que reapareceriam com força na ideia do programa para a TV.

Em longa exposição, sob a responsabilidade da atriz Etty Fraser no roteiro, *Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo* sintetiza o ideal de país contido no movimento, ao defender elementos relacionados ao país: “O Brasil é um continente maravilhoso, com o amarelo do ouro, o verde das florestas, o azul do céu, a força do mar, o paladar do feijão, a nutrição do arroz, a beleza das tradições” (Neto, 2004b, p. 74). A caracterização da brasilidade e da própria nação não



devem ser recebidas de modo literal. O humor, bem próximo ao sarcasmo, plasma os fragmentos que se sucedem, o que torna sua concatenação no tempo igualmente complexa.

O escárnio passa longe de ser mero vício de linguagem ou maneirismo idiossincrático do autor: integra uma estratégia de contestação durante períodos repressivos, a exemplo do que acontece com frequência na cobertura esportiva (Herbert Neto, 2024). O *Jornal dos Sports*, para o qual Torquato Neto escreveu, exemplificou esse sutil modo de oposição à ditadura e reverberou tendências que remetem à oralidade dos veículos de radiodifusão. As características do falar sobre o futebol no Brasil remontam a tradições centenárias para afrontar ou subverter a seriedade e o caráter oficial em conjunturas de perseguição e opressão (Bakhtin, 2010). Por conta de sua conhecida proximidade com o Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE) e com a arte engajada (Vaz, 2014), essa dimensão conflitiva merece destaque.

O texto se constrói nas ambiguidades de binômios como nacional-estrangeiro e estética-política. “Rui Barbosa foi o Águia de Haia que respondeu em todas as línguas aos analfabetos da Europa. O nosso futebol é o melhor do mundo. Só perdemos a última copa por sabotagem. As nossas mulheres são as melhores mulheres e cozinheiras do universo” (Neto, 2004b, p. 74). Não obstante incorra no moralismo que tentava negar – ao relegar a população feminina do país apenas a papéis de procriação ou domésticos –, a passagem é a mais direta, por relacionar futebol, identidade nacional e sucesso internacional. Outras camadas residem na afirmação da superioridade brasileira na modalidade, a começar pela campanha da seleção que representava o Brasil no Mundial de 1966 – muito criticada pela falta de organização e pela busca da popularidade, por parte das autoridades do regime ditatorial em vigor, às custas do time (Herbert Neto, 2022a, p. 11). O elogio recebe revestimento irônico e mordaz contra o governo.

Em seguida, é o mote da sabotagem que merece ser demarcado. Como as entidades de administração esportiva no país foram coordenadas por políticas federais até o fim dos anos 1970, houve muitas suspeitas de boicote a opositores por meio do futebol (Herbert Neto, 2022a, p. 17). As denúncias de favorecimento de equipes com bom relacionamento com as cúpulas diretivas vieram à tona, apesar da atmosfera autoritária, por meio da cobertura esportiva, tanto por radiodifusão quanto pelo jornalismo impresso. O *Jornal dos Sports* foi determinante nessa missão, mas o roteiro e as denúncias, veiculadas em seções especializadas na modalidade, imprimem comicidade.

O ato de sabotar, contudo, assume feição distinta com Torquato Neto: é na linguagem que o gesto se consuma com mais veemência. Na bifurcação que define como alternativas para a geração trair ou cumprir sua própria missão, o autor

se coloca como sabotador e impõe uma terceira opção. Comentários para sua obra reconhecem a violência de suas construções, que vão desde os poemas até o terror no cinema (Ribeiro, 2010). A sabotagem perpetrada pela derrubada do trabalhismo do presidente João Goulart no golpe de 1964, cujos líderes haviam impedido a conquista do terceiro título mundial seguido da seleção brasileira, é retribuída por um sabotador da poética. A linha de atuação de Jango inclusive tem forte relação com a interseção entre futebol, política e comunicação na história da radiodifusão (Herbert Neto, 2023a). As imagens aparentemente aleatórias que se seguem, em textos sem conexão automática e sequências fundamentadas pela ausência de encadeamento mais ligeiro, representam isso.

A extensa fala atribuída a Etty Fraser prossegue: “Nossa música é a mais inspirada e o nosso cinema já ganhou Palma de Ouro. No plano das riquezas naturais, tivemos os maiores ciclos econômicos do mundo, com o ciclo do açúcar, o do cacau, o do café, o do ouro, o da borracha, e agora estamos tendo o ciclo do petróleo” (Neto, 2004b, p. 74). Assim como no caso do futebol, para a salvaguarda da brasilidade era incontornável o reconhecimento internacional: o que atesta os méritos da seleção nacional é o êxito na Copa do Mundo, enquanto o sinônimo de prosperidade do cinema do país é a conquista no Festival de Cannes, na França. A despeito de procurar defender as potencialidades do Brasil, o roteiro ainda se condiciona por parâmetros de certo modo europeus.

Depois de apresentar a amálgama econômica, cultural e social em forma de aforismo histórico, *Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo* ironiza o resultado dos séculos de história do Brasil – “Todos estes ciclos deixaram belíssimas ruínas arquitetônicas” (Neto, 2004b, p. 74). Os destroços que resultaram de sabotagens históricas, a exemplo do já mencionado golpe de 1964, são trazidos para o roteiro. Em última análise, até mesmo o programa foi sabotado. As filmagens se depararam com transferências de locações entre Rio de Janeiro e São Paulo até que, por fim, o espetáculo não foi realizado (Vaz, 2014, p. 199). Ao se aproximar do fim, *Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo* reúne em bricolagem futebol e política, explicitamente.

Quando elenco e convidados se amontoassem no cenário, para formar o coro, seriam projetadas imagens de jogos (Neto, 2004b, p. 79). Em uníssono, haveria gritos de gols. A referência ao esporte é exposta a partir de dois outros gritos, entoados em conjunto: “A copa que nos vem...”; e “A copa que nos vai...”. A imbricação com as disputas políticas se daria por recursos de edição, que colocariam a breve e marcante alusão ao universo futebolístico depois de discursos políticos – nas palavras do autor, “ufanistas, trabalhistas, otimistas, oportunistas” –, antes de um filme sobre o presidente da República Getúlio Vargas, que se suicidou em 1954 (Neto, 2004b). A aplicação ao contexto nacional

reverbera em contemporâneos, porém, de maneira nenhuma, deve fazer com que Torquato Neto e, por conseguinte, *Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo*, sejam examinados a reboque de sua geração.

A peculiaridade que o distingue, logo ao primeiro contato, de seus pares é sua natureza póstuma: apenas após a sua morte em 1972 é que foram publicados seus primeiros livros, a exemplo de *Os Últimos Dias de Paupéria*<sup>9</sup> e *Torquatália*<sup>10</sup> – nas duas coletâneas de textos não publicados, consta o roteiro para o programa televisivo, acompanhado por anotações e poemas. O dado biográfico seduz os pesquisadores a buscarem indicativos do futuro suicídio nos escritos (Neto, 2004a). Há, portanto, o perigo de ficar refém de determinismos. O estereótipo do autor romântico, com morte precoce, sentencia as leituras a vieses muito específicos<sup>11</sup>. Em outras palavras: a morte serve erroneamente de métrica para aferir a poética torquatiana e sua biografia.

<sup>9</sup> Organizado por Wally Salomão e Ana Maria S. de Araújo, o livro foi reeditado posteriormente (1982).

<sup>10</sup> Foi publicado em dois volumes, organizados por Paulo Roberto Pires.

<sup>11</sup> *Torquato Neto: Todas as Horas do Fim*, documentário lançado em 2018, reúne registros importantes, mas recai nessa tentação da morbidez suicida.

### ‘EM SI PLANTANDO TUDO DÁ’: CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo* aponta para a direção oposta. A palavra que abre o título do roteiro é sintomaticamente o antônimo de morte. O nome conferido é condizente com a intensidade do projeto. Fortalecem a percepção de que a vivacidade é fundamento para o programa a ambição de convidar muitos dos principais nomes da cultura brasileira – diferentes ou mesmo antagonísticos entre si – e a ruptura com a linearidade temática e o encadeamento temporal no decorrer da atração televisiva. O futebol é inserido com a finalidade de colaborar com a movimentação que os telespectadores experimentariam durante a transmissão. Mesmo que tenha se consolidado ao longo do século XX como um elemento de identidade nacional (Helal, 1997; Wisnik, 2008), a modalidade é antes de tudo um jogo para o qual são necessários corpos em deslocamento. Estratégias fílmicas vão ao encontro dessa produção de sentido, com a sugestão de cortes bruscos, filmagens dinâmicas externas e no teatro.

A nova orientação, que descarta o suicídio como medida para toda sua obra, faz com que seus trabalhos em vida sejam igualmente reavaliados. As composições, em parceria com outros artistas da Tropicália ou não<sup>12</sup>, e os textos publicados em veículos de comunicação impressos chegaram aos ouvidos e olhos do público com a deliberada autoria de Torquato Neto. Isso não aconteceu com muitos fragmentos que foram editados nos livros: o poeta teria até se encarregado de queimar boa parte dos próprios registros antes de morrer (Pires, 2004, p. 209; Vaz, 2014). A intensidade, prevista para o roteiro, atravessa sua participação nos contextos musical e jornalístico.

<sup>12</sup> A composição “Dente no Dente”, lançada após a morte do letrista em parceria com Jards Macalé, exemplifica essa ênfase na intensidade e no movimento. A canção é denominada também “Sim, Não” em outras ocasiões. A inclinação se opõe à morbidez das outras interpretações (Macalé, 2016).

Tanto as canções quanto as colunas em jornais têm como característica uma maior facilidade para circulação. Sem compreender a biografia do autor apenas como um projeto interrompido antes do momento correto, é permitido ponderar sua predileção por peças com essas nuances, em detrimento das tradições livrescas ou bacharelescas. Muito menos acessíveis, os livros não são condizentes com a latente pretensão de ser popular – com todas as ambivalências que o termo traz. A opção é justificável para que suas proposições se movimentassem no Brasil dos anos 1960, com taxa de quase 40% de jovens e adultos analfabetos (Haddad, 1995). E mais: um país de tradições orais ancestrais, com origens afro-ameríndias (Simas et al., 2020)<sup>13</sup>.

<sup>13</sup>Em tentativa de reler a filosofia em chave popular, Simas et al. (2020) apresentam proposta vinculada à oralidade que colabora com a análise – embora não se atenha ao caso de Torquato Neto.

Caso seja levado às últimas consequências, o programa para horizontes alternativos a partir da obra de Torquato Neto é capaz até de sabotar certa geografia canônica acerca da canção popular e, em especial, do movimento que motivou o roteiro para a TV Globo. Enquanto os relatos memorialísticos consagram São Paulo ou a zona sul e o centro cariocas como os epicentros da efervescência cultural que eclodiu na virada entre as décadas de 1960 e 1970 (Gil & Zappa, 2013; Veloso, 1997), a trajetória do autor de Teresina faz com que o destaque se mova em direção à Usina, região do bairro da Tijuca: foi ali que foram vividos muitos de seus últimos meses (Vaz, 2014, p. 359). A região é próxima ao Maracanã, tradicional estádio de futebol da zona norte do Rio de Janeiro.

Um *Jornal dos Sports* com fronteiras menos precisas, capaz de acompanhar igualmente música, teatro, cinema e, é claro, futebol, recebeu a coluna de Torquato Neto. A seção, nas edições impressas, era acompanhada pelo sugestivo título Música Popular. A empresa colocou em circulação o projeto gráfico voltado às juventudes com *O Sol*, reforçando essa opacidade relativa. A tentativa de conquistar públicos mais jovens, com abordagens diferentes, não é aqui um privilégio. Kucinski (1991) demonstra que, nessa década e na seguinte, propostas equivalentes surgiram em capitais distantes do sudeste do Brasil. Uma crítica desse veículo para a poética do artista é igualmente imprescindível.

A publicação especializada em esportes, que ganhou notabilidade sob a direção do executivo Mário Filho, é reconhecida por suas boas relações com autoridades do futebol e dos governos (Herbert Neto, 2023b). Isso dissuade qualquer tentativa de tornar o *Jornal dos Sports* um libelo libertário. As condições da quadra histórica, com a emergência de movimentos jovens na cena pública e o interesse comercial perante essa dinâmica, facilitam o entendimento da abertura a abordagens como a do autor da coluna Música Popular. Ainda sobre os veículos de comunicação nos quais o poeta trabalhou, é necessário

pontuar que, embora *Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo* não tenha ido ao ar, outras iniciativas do Tropicalismo chegaram aos telespectadores no fim dos anos 1960, a exemplo de *Divino Maravilha* da TV Tupi<sup>14</sup> e *Direito de Nascer e Morrer do Tropicalismo* da TV Globo<sup>15</sup>.

A linguagem do autor não poderia ficar confinada a suportes definidos pela escrita. Por isso, sua prolífica produção no campo da canção popular. O plano de sabotagem previa a tomada simbólica da radiodifusão com *Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo*, quando em imagens e sons os telespectadores poderiam assistir aos efeitos de sua verve, no bojo do movimento liderado pelos cantores e compositores baianos. Depois de notar as indicações, para texto e filme, seria leviano afirmar que o futebol aparece de maneira periférica no roteiro. Pelo contrário: oferece uma liga com a cultura popular e, mesmo com as ainda incipientes técnicas de captação e armazenamento em vídeo para a televisão, auxilia a transparecer o dinamismo que marca o natimorto programa e, mais ainda, a expressividade do autor piauiense. É sinal de vitalidade. ■

<sup>14</sup>Informações da Câmara dos Deputados (*No dia 28 de outubro de 68, 2004*).

<sup>15</sup>É possível que, depois de longas tratativas e transformações, *Vida, Paixão e Banana do Tropicalismo* tenha se convertido no programa da TV Globo (Evangelista, 2011).

## REFERÊNCIAS

- Ades, E. (Diretor), & Fernando, M. (Diretor). (2018). *Torquato Neto: Todas as horas do fim* [Documentário]. <https://tinyurl.com/bj32pr4j>
- Alvito, M. (2013). *Histórias do Samba: De João da Baiana a Zeca Pagodinho*. Matrix.
- Bakhtin, M. (2010). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. Hucitec.
- Bosi, V. (2014). Torquato Neto: “Começa na lua cheia e termina antes do fim”. *Literatura e Sociedade*, 19(19), 32-56. <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i19p32-56>
- Branco, E. A. C. (2015). Apenas uma espécie de caos no interior tenebroso da semântica: a problemática relação de Torquato Neto com os códigos comunicativos de seu tempo. *Revista de História Comparada*, 9(2), 148-160.
- Brito, F. L. (2019). Nietzsche coprófago. *Argumentos*, (21), 37-57.
- Calado, C. (1997). *Tropicália: A história de uma revolução musical*. Editora 34.
- Castro, R. (1992). *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues*. Companhia das Letras.
- Coelho, F. (2002). A formação de um tropicalista: Um breve estudo da coluna “Música Popular”, de Torquato Neto. *Estudos Históricos*, (30), 129-146.
- Coutinho, R. S. (2019). *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933-1945)*. 7Letras.

- Damasceno, R. L. (2019). Ainda vivo, não morreu: Ensaio sobre Torquato Neto. *Criação & Crítica*, (23), 193-204. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v23i23p193-204>
- Evangelista, R. (2011, 29 de junho). *Uma forma antropofágica de relação com a cultura*. UOL. <https://tinyurl.com/3jnth5rf>
- Fanon, F. (1961). *Os condenados da terra*. Ulisséia.
- Gil, G., & Zappa, R. (2013). *Gilberto bem perto*. HarperCollins.
- Haddad, S. (1995, 8 de setembro). Analfabetismo no Brasil: O que há de novo? *Folha de S. Paulo*. <https://tinyurl.com/afx9tf34>
- Helal, R. (1997). *Passes e impasses: Futebol e cultura de massa no Brasil*. Vozes.
- Herbert Neto, H. (2020). Mittel, Foucault e Nietzsche – Cultura, história e genealogia: Uma discussão sobre o conceito de gênero. *Aproximação*, 15, 19-36.
- Herbert Neto, H. (2021a). “Choose life”: Futebol como subversão no cinema, entre Trainspotting e T2. *Boletim do Tempo Presente*, 10(3), 54-68.
- Herbert Neto, H. (2021b). Dansa dyonisiaca: Futebol brasileiro, Dionísio nietzscheano. *Cadernos Nietzsche*, 42(3), 69-88. <https://doi.org/10.1590/2316-82422021v4203hhn>
- Herbert Neto, H. (2022a). Deu bicho: Grande Resenha Facit, contravenção e a vitória do Bangu no Campeonato Carioca de 1966. *Recorde*, 15(2), 1-20.
- Herbert Neto, H. (2022b). Toque de bola e Constituição Cidadã: O debate sobre o Campeonato Brasileiro de 1988 no gênero das mesas redondas esportivas na televisão. *Revista Brasileira de História da Mídia*, 11(1), 238-255. <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.111202211012>
- Herbert Neto, H. (2023a) Desgraça nacional: A invenção do trabalhismo e a experiência do locutor Gagliano Neto na Copa do Mundo de 1938. *Cadernos do Tempo Presente*, 14(1), 36-52. <https://doi.org/10.33662/ctp.v14i01.19400>
- Herbert Neto, H. (2023b). Mario Filho radialista: A Rádio Guanabara dos anos 1960 sob administração do executivo do Jornal dos Sports. *Esporte e Sociedade*, 16(37), 1-16.
- Herbert Neto, H. (2024). *Palavras em Jogo: Comentário esportivo no Brasil*. Dialética.
- Hollanda, B. B. B. (2010). *O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro*. 7Letras.
- Hollanda, B. B. B. (2012). O cor-de-rosa: Ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980. In B. B. B. Holanda, & V. A. Melo (Orgs.), *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil* (pp. 80-106). 7Letras.
- Hollingdale, R. J. (2015). *Nietzsche: Uma biografia*. Edipro.

- Kucinski, B. (1991). *Jornalistas e revolucionários: Nos tempos da imprensa alternativa*. Página Aberta.
- Lemos, F. (2022). Cãnone, Contracãnone (prefácio). In F. Lemos, *O contracãnone romântico: Estudos sobre uma (certa) filosofia do Romantismo alemão* (pp. 11-23). EdUERJ.
- Lira Neto. (2017). *Uma história do samba: As origens*. Companhia das Letras.
- Macalé, J. (2016). Sim, Não (Dente no Dente) [Música]. Em *Raro & Inédito, Vol. 1*. Warner.
- Machado, F. M. (2014). *Bola na rede e o povo nas ruas! O Brasil na Copa de 1938*. Eduff.
- Mittel, J. (2004). *Genre and television: From cop shows to cartoons in American culture*. Routledge.
- Napolitano, M. (2005). A história depois do papel. In C. B. Pinsky (Org.), *Fontes históricas* (pp. 235-289). Contexto.
- Napolitano, M. (2010). A MPB na era da TV. In A. P. G. Ribeiro, I. Sacramento, & M. Roxo (Orgs.), *História da televisão no Brasil: Do início aos dias de hoje* (pp. 85-105). Contexto.
- Napolitano, M. (2014). *1964: História do regime militar brasileiro*. Contexto.
- Neto, T. (1982). *Os últimos dias de paupéria*. Max Limonad.
- Neto, T. (2004a). Cadernos. In P. R. Pires (Org.), *Torquatália: Do lado de dentro* (Vol. 1, pp. 291-316). Rocco.
- Neto, T. (2004b). Vida, paixão e banana do tropicalismo. In P. R. Pires (Org.), *Torquatália: Do lado de dentro* (Vol. 1, pp. 65-85). Rocco.
- Neto, T. (2004c). Fragmento. In P. R. Pires (Org.), *Torquatália: Do lado de dentro* (Vol. 1, pp. 11-30). Rocco.
- Neto, T., & Sailormoon, W. (Orgs.). (1974). *Navilouca: Almanaque dos aqualoucos (quase completa, meio incompleta)*. Edições Gernasa.
- Nietzsche, F. (1995). *Ecce Homo: Como alguém se torna o que é*. Companhia das Letras.
- Nietzsche, F. (2012). *O nascimento da tragédia*. Companhia de Bolso.
- No dia 28 de outubro de 68, estreia o programa Divino, Maravilhoso, na TV Tupi, um dos marcos do tropicalismo. *Música: Dia 36, dos Mutantes*. (2004, 28 de outubro). Câmara dos Deputados. <https://tinyurl.com/2hwsey62>
- Pires, P. R. (2004). À margem da margem da margem. In P. R. Pires (Org.), *Torquatália: Do lado de dentro* (Vol. 1, pp. 11-30). Rocco.
- Ribeiro, E. F. N. (2010). Vampiros e outras assombrações: Imagens do medo na poesia de Torquato Neto. *Fronteira Z*, (5), 1-11.
- Ridenti, M. (2010). *Brasilidade revolucionária*. Unesp.

# P

## Sabotagem: O futebol de Torquato Neto em *Vida, Paixão e Banana Do Tropicalismo*

- Ridenti, M. (2014). *Em busca do povo brasileiro: Artistas da revolução, do CPC à era da TV* (2a ed.). Unesp.
- Simas, L. A., Rufino, L., & Haddock-Lobo, R. (2020). *Arruaças: Uma filosofia popular brasileira*. Bazar do Tempo.
- Vaz, T. (2014). *A biografia de Torquato Neto*. Nossa Cultura.
- Veloso, C. (1997). *Verdade tropical*. Companhia das Letras.
- Wisnik, J. M. (2008). *Veneno remédio: O futebol e o Brasil*. Companhia das Letras.

---

Artigo recebido em 13 de fevereiro de 2023 e aprovado em 13 de junho de 2024.